

UM MUNDINHO MAIOR



Júlio B.

Um Mundinho Maior

(Júlio B.)

I. Oi

Não era noite, então o medo diminuía. Ítalo fechou os olhos, num último suspiro em busca de coragem, e foi falar com Metarie. Ela tinha um nome bem estranho, mas era a garota dos seus sonhos! Foi até ela, mas não conseguiu fazer seus maxilares se moverem para pronunciar claramente nenhuma outra palavra além de um tímido “oi”. Sentindo-se esmagado pelo silêncio da circunstância, sob os afiados olhares dos outros alunos sem mais nada o que fazer de seus recreios, ele tentou apenas continuar andando pelo corredor, como se o seu “oi” tivesse sido apenas um “bom dia”, ou um cumprimento qualquer que não necessitasse resposta.

Mas garotas populares sabem bem de qual substância propulsora são movidos os garotos em abordagens como aquela. E com o sadismo que é característico a elas, quando percebeu que seu admirador tencionava se retirar, Metarie interrompeu a etapa da humilhação imposta com o silêncio, e passou para a etapa seguinte, a de perguntar o que ele queria com ela.

Ítalo gaguejou, engasgou, olhou pra baixo, desenhou no chão círculos com a ponta do Allstar, tossiu polidamente, e também disse algo sobre ir ao cinema naquela noite. Mas Metarie nem o esperou dizer o nome do filme nem nada pra satisfazer seu ego narcisista: “se enxerga, garoto!”.

No fim das contas, nem foi um dia tão pior do que os outros. Depois da aula, ele voltou pra casa sozinho, como sempre. Invejando os que voltavam acompanhados, como sempre. E cumprimentou simpaticamente os conhecidos pelo caminho, como sempre. E como sempre retribuía-lhe sorrisos e acenos, até palavras. Mas ninguém vinha lhe contar algo pessoal, uma daquelas coisas que fazem nascer o elo entre as pessoas, ou lhe dizer algo amistoso de verdade, nem dar um daqueles apertos de mão descolados, ou mesmo acompanhá-lo nos trechos de caminho em comum até suas casas. Havia sempre uma distância que Ítalo não sabia como percorrer. Mesmo porque se sentia menos ridículo aceitando sua condição de peixe fora d’água.

II. Álbum de Família

Ítalo morava com Natalino, seu pai biológico, um ordinário trabalhador suburbano, sub-assalariado, apático e acomodado. E solitário. Nunca teve nada de sério com Terezinha, a mãe por acidente de Ítalo. Ela era boa de cama, mas não era mulher pra se ter nada sério, ele dizia. Mas aconteceu de engravidar... fazer o quê? Terezinha só queria saber de safadeza, nunca foi certa das idéias, Natalino desabafava com os amigos em mesas de bar.

Ítalo morava com o pai, mas não gostava dele. Até tentou, só que Natalino não era do tipo de homem que se dá a essas pedagogias de amor familiar. Mas a justiça é a justiça e, como era natural, a guarda do menino foi dada a seu progenitor, anos atrás, quando o rolo todo aconteceu.

Era uma manhã muito fria, de uma noite muito ruim, e Ítalo estava muito cansado daquilo tudo. Antes de ir pra escola, criou coragem de contar pra madrinha o que a mãe lhe obrigava a fazer. De tanto ver na TV casos semelhantes, a boa madrinha tinha alguma noção sobre leis e direitos, e soube como agir naquela situação. Foi à polícia se achando uma personagem de novela, uma daquelas justiceiras que colocam o vilão atrás das grades no último capítulo. Fez o maior drama na delegacia, chorou, bebeu água, mostrou fotos, até que ninguém mais tivesse dúvida de que as

acusações eram verdadeiras e inquestionáveis. Um flagrante foi armado. E foi o início do desmantelamento de uma grande quadrilha de pornografia infantil.

Terezinha era peixe pequeno e saiu logo da cadeia, ainda mais por ter colaborado com a polícia. Mas Ítalo nunca mais quis saber dela – o que todos concordavam ser perfeitamente justo – e ninguém jamais tentou lhe convencer a perdoá-la. Já sua pobre madrinha, coitada, uma velha senhora aposentada, morreu sozinha em casa, do coração. As más línguas diziam que ela fora envenenada.

O pai não teve outra opção e acabou aceitando ficar com o menino. Mais uma boca pra sustentar, mas era melhor do que ter problema com a justiça. E acostumaram-se um ao outro. Mas Natalino nunca conseguiu olhar pro filho depois do incidente e ver nele algum resquício de dignidade. Olhava-o com a mesma superioridade que destinava às putas com quem se deitava ocasionalmente. Não que Ítalo fosse culpado de nada. Não, coitado! Ele era até um menino legal, comportado... mas quem já fez o que ele fez... pensava o pai. Aquela vadia! Aquela vaca! Sabia que a culpa era de Terezinha, aquela vaca! Desse modo, não maltratava o menino, embora não lhe tivesse a mínima afeição.

Mas, no fundo, achava que Ítalo era viado mesmo. E, então, parecia natural delegar a ele todos os afazeres domésticos e essas coisas de mulher.

III. Simpatia Secundária

Se há uma coisa a se saber sobre Ítalo é que ele era legal. Legal. Dúbia palavra de sentido moderno adaptado. Legal. O pesado fardo que Ítalo carregava. Detestava as ponderações de que apesar de alguma coisa ele era legal. E sempre havia alguém disposto a formalizar esse senso comum em voz alta e clara. Todos concordavam: ele era legal. Nem precisavam conhecê-lo direito e já diziam que ele era legal. E era isso que o irritava mais profundamente. Se fosse um chato de galochas e por isso não tivesse nenhum amigo, aí tudo bem. Nem reclamaria. Aceitaria de bom grado a conseqüência da sua chatice. Mas por que diabos era tão solitário se todos viam que ele era... legal?

Com o tempo, e as sucessivas experiências frustrantes, desenvolveu sua própria teoria. Simpatia secundária. Simpatia porque ele era todo educadinho, sempre na dele, humilde, sorridente e gentil. Era compreensivo. Cedia sempre nos impasses. Nunca se envolvia em discussões ou confusões. Despertava sim a simpatia das pessoas à sua volta, mas era um sentimento distante, quase genérico, sem muita prioridade. Por isso secundário. Às vezes, dava-lhe numeração até menor.

Os colegas de classe até que gostavam dele – como colega, não como amigo. E chamavam-no pra sair de vez em quando. Principalmente quando era necessária uma pessoa a mais pra completar o programa. E eram sempre programas secundários. As coisas especiais, ah, essas eram sempre guardadas pras pessoas especiais. E Ítalo não era, e nem se sentia, especial pra ninguém.

As pessoas que diziam pra ele que ligariam depois pra combinar alguma coisa nunca ligavam. Quando recebia alguma visita era porque o visitante tinha outro compromisso por perto e estava só dando um tempo ali. Um colega, tendo de escolher entre fazer qualquer outra coisa ou se encontrar com Ítalo, fatalmente escolheria a outra coisa. Ah, o Ítalo é tão legal! Ele vai entender. Ele é tão bonzinho! Tenho certeza de que não vai se importar. Depois eu ligo pra ele e explico...

Teve aquela colega de classe que foi dupla com ele no trabalho de literatura, Ângela. O professor sorteou as duplas, e Ítalo ficou todo vermelho quando saiu com uma garota tão bonita quanto ela. Passou a semana inteira pensando no dia em que se encontrariam pra fazer a resenha. Onde seria? Na casa dela ou na dele? Na escola? Quem sabe em outro lugar? Sobre o que

conversariam quando não estivessem falando de literatura? Que roupa ele usaria? E ela... como estaria? Será que usaria algo decotado? E quando seria? Terça era um bom dia... mas não foi possível. Quarta, a mesma coisa. Quinta. E a semana acabou. Na sexta, no final da aula, Ângela o procurou pra dizer que estava com rinite alérgica e que não poderia fazer o trabalho durante o fim de semana. Era pra segunda, mas o que ela podia fazer? A gente nunca sabe quando essas coisas de saúde vão acontecer, não é? Ítalo fez então tudo sozinho, e colocou o nome dela com um altruísmo de sabor quase heróico, do mocinho que salva a donzela, ou algo assim. Sorte dele nunca ter descoberto que ela viajara com as primas pro interior naquele fim de semana.

Talvez por dor na consciência, ou pela tal simpatia secundária, Ângela quis recompensá-lo dias depois, quando estava mais folgada de tempo. Como Ítalo tinha dito que gostara muito do livro tema do trabalho, ela disse que lhe daria o exemplar mofado que seu pai tinha na estante. Disse que passaria na casa dele no dia seguinte pra entregar. O que foi suficiente para Ítalo fazer uma faxina geral na casa, rearranjar a disposição dos móveis da sala, colher flores às escondidas no jardim da velha rabugenta da esquina para o jarro da mesa, e até preparar um café especial para aquela tarde, com bolo de chocolate e tudo mais. Mas a tarde acabou e ela não foi. Elas nunca iam. No outro dia, na escola, antes da primeira aula, Ângela entregou-lhe a porcaria do livro, e desculpou-se por não ter ido. É que surgiu um imprevisto, a moça da agência de modelos ligou avisando que tinha vaga para um teste justamente naquela tarde. Era seu sonho desde criança ser modelo, ela não podia perder aquela chance. Ítalo aceitou o livro, as desculpas, e até sorriu (por fora). Por dentro, sentiu e silenciou uma coisa estranhamente boa quando soube que ela não foi aprovada no teste.

Mas Ítalo nunca teve dias de antagonista, pois vilões também estão no foco e ele não. Ítalo era sempre coadjuvante. Não sabia como reverter a situação, como construir algo diferente, nunca conseguia fazer parte do enredo principal de nenhuma história. Se fosse filme de assassinato, certamente seria um dos coadjuvantes do bem que morre antes do mocinho resolver tudo. Não um rejeitado, mas alguém facilmente descartado. Descartável. Tinha de se contentar com as sobras das emoções, das afeições, das atenções.

Ítalo não se enquadrava no processo de se relacionar com pessoas, ou não cabia nele, ou faltava-lhe algo que não conseguia preencher. Ele se esforçava, mas nunca com sucesso. Estava além da sua compreensão. Não se enturmava. Sentia que não existia alguém a quem pudesse chamar de amigo de verdade, muito embora todos o achassem legal. Até mesmo Metarie, ao contar cheia de si pras amigas sobre o fora que dera nele, comentou algo sobre Ítalo ser legal e tudo, mas não pra namorar, né?

IV. Caio

O mais perto que Ítalo chegou de ter um amigo foi com Caio, um vizinho da quadra de baixo, que todos na rua diziam que era bicha. Estudava um ano à frente no colégio. Eles nunca tinham se falado até o dia em que pegaram o mesmo ônibus pro centro. Como estava quase vazio, Caio acabou por puxar papo com o vizinho caladão mesmo. E pra seu espanto não é que Ítalo era legal? Em pouco tempo, já se emprestavam CD's e tinham longas conversas pelo MSN.

Caio era metido a poeta. De vez em quando escrevia algumas lamúrias de adolescente incompreendido num blog e mandava pras amiguinhas dizerem que era lindo, que ele era muito talentoso e sensível. E, tendo Ítalo elogiado um de seus textos, caiu-lhe definitivamente nas graças. Caio começou a visitá-lo, a chamá-lo pra sair, a mandar incontáveis poemas (que Ítalo fazia de tudo pra tentar gostar).

E Caio foi ficando íntimo da casa do vizinho, de entrar sem bater, de por os pés na cama, de abrir a geladeira e procurar algo pra beber sem maiores cerimônias. E até confiou a Ítalo o seu maior tesouro, em tom dramaticamente grandioso: seu nome era um verbo! Encheu a boca pra dizer que não contava isso pra ninguém, exceto para as pessoas especiais. O que soou muito bem aos ouvidos de Ítalo, mesmo este já tendo visto que Caio participava de uma comunidade no Orkut chamada “Meu nome é um verbo”.

Mas Caio era meloso demais. E não demorou muito pra estragar tudo, declarando estar apaixonado pelo amigo. Ítalo não era homofóbico nem nada, mas gostava era de garotas, e não queria certos tipos de intimidades com pessoas do mesmo sexo. Desde então, nunca mais se sentiu à vontade com Caio. Preferiu se distanciar dele. Mas não muito, pois era carente demais pra dispensar atenção, mesmo que ela tivesse segundas intenções. Apenas se afastou o suficiente pra ficar claro que não queria nada com ele, mas o procurava pra conversar sempre que se sentia muito sozinho.

V. Adjetivos Pátrios

Caio era do tipo que adora mastigar os detalhes. Passava horas a pio procurando significados nas entrelinhas dos poemas dos livros que lia. Viajava livremente pelas interpretações mais passionais. Achou ter matado a charada, e até batia no peito estufado pra dizer que o Carlos Drummond de Andrade se apaixonara certa vez por um certo Pedro.

Caio adorava nomes. O seu era um verbo, o de Ítalo era um adjetivo pátrio. E contou isso pro amigo como se fosse uma revelação que mudaria sua vida. Mas Ítalo só foi descobrir o que era um adjetivo pátrio quando chegou em casa e pesquisou no Google. Aí, até que se empolgou um pouco e, invejando Caio na cara dura, acabou por entrar numa comunidade do Orkut chamada “Meu nome é um adjetivo pátrio”. Tem de tudo nesse orkut, viu!

Ítalo criou um tópico perguntando se havia alguém lá de Santa Cecília do Sul, a cidade em que morava. Sentia-se importante e ativo por ter feito aquela pergunta. Era de certa forma uma afirmação da sua existência além de sua cabeça, da sua inserção em um contexto, da sua capacidade de comunicação com as pessoas como agente ativo de discussões e idéias. Escrevera algo objetivo, com um propósito aceitável. As pessoas leriam e não achariam que era coisa de um garoto bobo, como ele sempre temia ser interpretado pelo mundo exterior.

Entrava todo dia na comunidade pra ver se havia resposta como um caçador que vai à mata verificar se sua armadilha pegou algum animal.

VI. Nações Unidas

As entediantes decepções diárias por fim se encerraram quando uma moça chamada Lusa respondeu à sua pergunta. Ítalo destrinchou rapidamente todas as informações que ela preencheu em seu perfil. Professora universitária, com o triplo da idade dele. E namorando. Ítalo nem tinha considerado nenhuma outra hipótese além de amizade mesmo. Mandou um e-mail pra ela.

Antes de receber uma resposta de Lusa, um cara chamado Franco também escreveu na comunidade, dizendo que não era de Santa Cecília, mas estava passando uma temporada na cidade. No perfil dele não dava pra descobrir quase nada. Usava a foto de um ator de Hollywood que Ítalo não lembrava o nome, e dizia que era modelo.

Enquanto os três tentavam acertar uma data pra se encontrarem pessoalmente, mais um cidadão de Santa Cecília com nome de nacionalidade se apresentou. Germano, um cara com a foto toda produzida, daquelas feitas em estúdio e depois melhoradas no Photoshop. Esportes,

musculação. Atividades, cabeleireiro. E participava de várias comunidades da Gisele Bündchen, Ana Hickmann, e todas essas modelos famosas na TV.

Marcaram de se encontrar num elegante café à beira-mar, um bem famoso na cidade, e a primeira coisa que Ítalo reparou é que não podia comprar nada lá com menos de um real. E se sentia muito desconfortável ao se sentar sozinho numa mesa daquelas enquanto esperava os outros três. Por anos de experiência, sabia que o risco de algum deles (ou mesmo todos) não aparecer era muito grande. Mas, descontando os atrasos facilmente justificáveis, os três chegaram lá no que Ítalo considerou uma boa pontualidade. Sentia algo agradavelmente diferente em si e no mundo por todos terem comparecido. Encheu seus pulmões de boas expectativas, como se estivesse se afogando em um mar desconhecido de possibilidades.

Os três novos amigos eram já adultos, cheios de assuntos de gente adulta, e pareciam não se importar nem um pouco de pagar por um café o preço de um saco de arroz. Estavam muito além do mundinho adolescente suburbano que Ítalo conhecia. E isso o fez imaginar o quanto do mundo ele ainda teria por descobrir em sua vida. Ele queria. Olhou pela janela o infinito azulado do horizonte e sentiu um arrepio. Era maior, era maior!

Lusa puxou para si os holofotes do encontro. A professora era espontânea e pra cima. Preenchia os silêncios deixados à mesa com extrema naturalidade e assuntos ecológicos. Usava os cabelos ruivos soltos e sem pentear. Usava uns brincos de pena e uns colares que Ítalo via os hippies vendendo na praia. A imagem que fazia de um professor universitário era bem mais séria e severa.

Franco era mais reservado. Falava apenas quando podia se exibir com o que dizia. E a foto que Ítalo vira não era de nenhum ator de Hollywood, era de Franco mesmo. Ele era bem alto, de pele bem negra, dentes bem brancos, de corpo bem definido e de cabeça raspada, daquelas que até brilham. E usava umas roupas descoladas e óculos que lhe davam um ar de celebridade. Era do Rio de Janeiro e só ficaria na cidade por alguns meses, para uma campanha publicitária.

E Germano era o que falava as coisas engraçadas. Tinha sempre uma tirada cômica para cada assunto. E quase todas de cunho sexual. Quando o garçom trouxe uma banana split à mesa... bem, Germano era mesmo o tipo de cara que não precisa fazer força pra ser engraçado. Bastava olhar pra ele. A voz arrastada, os vocativos íntimos, meu bem. Meu amor, escuta. Vem cá, minha flor. Tentava ser fashion, mas ao contrário de Franco, apenas conseguia parecer espalhafatoso, com roupas chamativas e o cabelo como se tivesse levado um choque, cheio de mechas, gel, pomada e todas essas coisas.

Beberam, comeram, falaram o quanto tinham pra falar em um encontro de quatro pessoas desconhecidas e então, um por um, eles foram dando suas desculpas pra retornarem logo às suas vidinhas e deixaram Ítalo sozinho novamente. E assim se fez. Só que aquela solidão era mais branda, machucava menos, Ítalo não sabia explicar, mas voltou pra casa com uma sensação boa. Diferente. Quase não cabia em si de tanta empolgação pueril, e seu pai achou que ele já estava pegando os trejeitos típicos dos viados.

VII. Vendo O Mundo

Ítalo nem se lembrou de evitar o pai naquele resto de dia. Estava tomado por um sentimento promissor, uma visão entorpecente de uma grandeza da qual nunca provara antes. Precisava narrar sua aventura pra alguém. Sentia que precisava. Não seria a mesma coisa se não contasse pra alguém. Mas nenhum colega atenderia tão prontamente a um chamado seu. Certamente, seria preterido por todas as outras coisas que os outros tinham pra fazer.

Mas Ítalo sabia que se chamasse Caio, ele viria na hora. Mas se bem que não fazia nem dois dias que eles se encontraram, e não queria que o vizinho o visitasse com tanta frequência, pra não alimentar nenhuma esperança do coitado. Mas era uma ocasião especial e Ítalo se permitiria uma exceção. Ou não? Ah, permitiria sim! Era até justo, pois foi Caio quem o alertou sobre a peculiaridade de seu nome.

Em poucos minutos, Caio estava em seu quarto. E na sala Natalino sorriu irônico com o canto da boca, impotente, sabendo o que os viadinhos iam fazer lá dentro. Xingou a vaca da Terezinha internamente e lavou suas mãos por ser tarde demais pra salvar o garoto.

Ítalo contou ao vizinho tudo sobre o encontro e até inventou umas partes, pra deixar a coisa mais atraente e grandiosa. E como Caio ainda era meio caidinho por ele, ouviu tudo simulando a máxima atenção. Disse ter também achado tudo o máximo. E os dois passaram a noite toda falando sobre a vida, o mundo, o futuro, sobre seus sonhos. Sobre tudo o que ainda havia por vir. Caio era um cara muito legal, apesar de...

A noite nunca fora tão longa, e Ítalo nem se lembrou que tinha medo. Sentia-se quase um protagonista. E, não estando acostumado, exaltou-se além da conta. Mostrou ao seu coadjuvante no Google Earth todos os lugares do mundo no quais gostaria de morar um dia. Como Veneza era bonita! Até mesmo vista assim, por cima, através de um programa de computador!

VIII. Germano

Ítalo não conseguia mais prestar atenção nas aulas, e estava deixando o arroz queimar freqüentemente. Teve um dia que deixou o ônibus passar do ponto, e teve de descer lá na frente e voltar a pé. É que passava as horas imaginando assuntos pra puxar conversa com os novos amigos. Mandou alguns e-mails, mas as respostas virtuais não lhe traziam a mesma satisfação da qual já era quase dependente químico. Precisava de encontros presenciais. E começou então a passar as horas bolando pretextos para visitá-los.

Estava mesmo precisando de um corte de cabelo, e ainda era cedo da tarde, então lá se foi Ítalo pro salão onde Germano trabalhava. Era um salão chique e parecia tudo muito caro, mas quando lhe entregara o cartão o cabeleireiro também disse que lhe daria um desconto especial, porque Ítalo era um bofezinho muito legal.

Germano o recebeu muito bem, com aquelas saudações exageradas dos gays da televisão e tudo mais. E enquanto sugeria mil cortes moderníssimos ao cliente, sondava-o como podia sobre o outro amigo em comum, Franco. Se tinha mandado e-mail pra ele. Se o tinha encontrado depois daquele dia. Se tinha o telefone dele. Quando terminou o corte, praticamente já sabia mais do modelo do que o próprio Ítalo.

Este ainda achava estranho ouvir um homem falar assim, abertamente, que estava interessado em outro homem. Germano parecia não se importar com as pessoas ao redor, simplesmente falava as coisas. Até que Ítalo gostava daquela liberdade toda. Além de que o cabeleireiro era tão brincalhão que tudo parecia um quadro humorístico. Os dois trocaram telefones e ficaram de se ligar um dia desses pra sair e bater um papo.

Germano cobrou o preço integral pelo corte de cabelo, que, a propósito, ficou muito bom.

IX. Franco

A experiência no salão de beleza satisfez Ítalo por alguns dias, mas logo ele queria mais. Quanto tipo de gente existia no mundo além do seu invólucro! Precisava de mais. Fuçou todos os e-

mails que tinha trocado com Franco até encontrar o nome do hotel em que ele estava hospedado. Já tinha terminado de arrumar a cozinha do almoço, e o sol lá fora parecia um convite. E Ítalo foi ao encontro de Franco. Era um hotel de gente grã-fina, a vizinha da casa da frente já tinha sido arrumadeira lá.

Mas o recepcionista disse que o Senhor Franco não se encontrava. Ítalo não sentiu muita sinceridade, mesmo assim deixou um recado com o número de seu telefone. Não havia novidade nenhuma pra ele em ir encontrar alguém que não estava. Era o trivial, aliás. Novidade foi quando seu celular tocou e era o modelo. O garoto achava que Franco receberia seu recado, riria de sua ingenuidade e apenas amassaria o papel timbrado do hotel e o jogaria na sua lixeira de pessoas que queriam sair com ele.

Encontraram-se ainda naquela tarde no hotel, numa suíte tão luxuosa como Ítalo nunca tinha visto nada antes. Tinha até banheira de hidromassagem! Franco não sabia ser hospitaleiro, mas parecia tentar tratar a visita com algum respeito. Afinal, Ítalo era uma das poucas pessoas legais que ele encontrara na cidade. Mas não sabiam sobre o que conversar e então passaram a maior parte do tempo em silêncio mesmo.

Franco elogiou o novo corte de cabelo do garoto uma hora. E Ítalo ia até lhe contar que o autor da obra era Germano, mas tinha o costume de dizer primeiro o nome do santo e depois o milagre. Quando perguntou “Sabe o Germano?”, o modelo já cortou o assunto e começou a falar mal do cabeleireiro. Disse que detestava aquele tipo de pessoa. Em pouco tempo, Ítalo já achava que Franco detestava todo tipo de pessoa. Chegou a se indagar por que o modelo teria ligado e o convidado para aquela visita.

Depois de muitas bebidas caras e bombons finos, Franco finalmente admitiu que se sentia muito sozinho em Santa Cecília. Não tinha amigos, não tinha círculo social, não tinha uma boa balada pra freqüentar. Perguntou se Ítalo não poderia apresentá-lo a pessoas interessantes, de preferência mulheres, e ligadas ao mundo da moda. O pobre garoto contou que também não conhecia muitas pessoas na cidade, mas quis ser útil e sugeriu que Franco pedisse a ajuda de Lusa. Ela parecia uma pessoa cheia de contatos. Mas o modelo também cuspiu abelhas sobre ela. Detestava essas quarentonas hipongas, com esses papos de natureza, de salvar o planeta, e mantendo pose de desapego das coisas materiais. Franco disse que Lusa só fora simpática com ele durante o encontro por interesse sexual.

Ítalo saiu do hotel cansado da arrogância do modelo. Mas conhecer gente assim também era uma nova experiência. Ele ficou satisfeito com a sua dose temporária do novo vício. E sabendo que em breve ia querer mais, ligou pra Germano e marcaram de se encontrar no fim de semana pra conversar. O garoto pretendia relatar ao amigo toda a má impressão que Franco lhe deixara.

Mas veio o fim de semana, e Ítalo já estava a mais de meia hora no local marcado, e nem sinal do cabeleireiro. Uma hora, duas horas. E o garoto foi embora. Era só mais um bolo, nada de novo. No outro dia, Germano ligou pra se explicar. Nada de novo. Contou que o irmão se meteu numa briga e acabou sendo preso, e ele teve de ir à delegacia resolver as coisas.

Era uma boa justificativa, não havia como negar, mas ora se não era isso o que mais doía em Ítalo! Todos sempre tinham ótimas explicações para deixá-lo em segundo plano. Preferia mil vezes que as pessoas nunca se explicassem nessas ocasiões! Pelo menos assim pareceria apenas que não gostavam dele, e não uma conspiração do universo.

Após o bolo de Germano, Ítalo perdeu a fé de que sua sorte estava mudando. Ainda tinha Lusa em sua lista, mas a noite lhe trazia pensamentos ruins, e temia se encontrar com ela e ser apenas

mais uma decepção. Preferia guardar consigo o encanto incerto daquele mundo de possibilidades do qual vislumbrara algumas paisagens promissoras. Pra suprir sua necessidade de acreditar numa vida que ia muito além da sua rotina medíocre, de solidão, lição de casa e afazeres domésticos.

X. Todo Mundo

Já era noite, mas era um convite mesmo assim. Do Luxa, um outro colega de classe, que era a cara cuspida e escarrada do polêmico técnico de futebol. Ele ligou e chamou Ítalo pra ir ao shopping. Bem, era realmente tarde, e até poderiam ir de ônibus, mas teriam de voltar de táxi. Ele queria saber se Ítalo era a fim de rachar a despesa. Ítalo sabia que ele queria apenas isso na verdade, mas pensou que se vencesse seu trauma da noite, então quem sabe tudo em sua vida mudaria?

Mal chegaram na praça de alimentação do shopping e Luxa encontrou a mina com quem tinha marcado. Ítalo não quis ficar segurando vela e foi perambular sozinho pelo shopping até o colega decidir ir embora. Viu na vitrine de uma livraria um globo terrestre bem grande e colorido. Não era dado a consumismos, mas como desejou ter um daqueles no seu quarto! Pensou que, talvez, se poupasse mais um pouco da magra mesada todo mês... aí ele viu o preço na plaquinha logo abaixo do globo e os pensamentos naufragaram antes mesmo de saírem do cais.

Na semana seguinte, Natalino cismou de comer camarão. Nem lhe ocorrera que seu jovem cozinheiro poderia não saber cozinhá-los e já foi logo comprando um monte. E os bichinhos começaram a feder na geladeira. Ítalo passou a manhã de domingo inteira no Google procurando uma receita que ele conseguisse fazer. Era tão hábil em buscas no Google que de uma esquina a outra se podia sentir o apetitoso cheiro do bobó de camarão na hora do almoço. Ítalo se orgulhava muito dos produtos de seus esforços, ainda mais quando eram tão bem sucedidos. Mas certamente preferia que os outros apenas reconhecessem que ele se esforçava. O pai não foi almoçar em casa naquele domingo, contrariando o que havia dito antes de sair pro futebol.

E a primeira coisa que Ítalo viu na escola no dia seguinte foi o demorado beijo de Metarie em seu novo namorado, ninguém menos do que o cara mais popular da escola. Até mesmo o cara mais loser da classe estava de namorico com aquela gordinha que ficara presa na roleta do ônibus meses atrás. O Caio, até o Caio estava de rolo com o dono da floricultura! É, as coisas pareciam estar se ajeitando pra todo mundo. Todo mundo, aspas. Todo mundo, menos ele.

XI. Lusa

Ítalo varreu a agenda do celular e não havia ninguém disposto a fazer alguma coisa com ele naquela semana. Então decidiu sacar sua última carta na manga. Ligou pra Lusa. Estava desesperado, achou que era a hora certa de arriscar. Ela foi muito receptiva ao telefone e o convidou pra tomar o chá da tarde em sua casa. Dois ônibus e algumas horas depois, Ítalo estava lá. Ainda era dia. O bairro era bom, de gente bem de vida. Casa grande, com jardim na frente e horta no quintal. Toda decorada com coisas esotéricas. Todo canto, todo móvel, em tudo havia detalhes diversos a serem admirados. Mas a maior admiração de Ítalo era outra. A professora morava sozinha numa casa tão bacana, tão espaçosa! Só a sala de estar era maior do que o muquifo onde morava com o pai. E cada ornamento insignificante na decoração da casa devia valer o suficiente pra ele passar a semana inteira.

Lusa preparou um chá mentolado, que Ítalo achou estranhíssimo no começo, mas que era até gostoso depois que se acostumava. E serviu com umas bolachas de ervas naturais, e umas geléias de fruta, e mais um monte de coisa com fibras, raízes, açúcar mascavo, etc. O garoto se deslumbrou com

a variedade de coisas das quais nunca tinha ouvido falar, algumas até gostosas, mas achava que devia ser tudo muito caro.

Como faltava assunto em comum entre os dois, a professora tratou de ir falando sobre qualquer coisa. De súbito, desatou a falar sobre assuntos místicos, sobre sua recente conversão ao espiritismo, sobre a influência das coisas que comemos na nossa energia vital. Leu a mão de Ítalo e descobriu que ele havia sido um grande navegador no passado, em outra encarnação, e havia ajudado a descobrir que o mundo era muito maior do que pensavam na época. Ítalo contou que tinha aprendido a fazer bobó de camarão, mas ela era vegetariana e não quis mais detalhes.

Lusa contou que era tia daquele menino desaparecido que passou no noticiário local, o Galvão Brasil. Havia cartazes com o rosto dele por toda a cidade. Disse que a irmã superprotegia o menino, que não tirava os olhos dele, e não sabia como aquilo podia ter acontecido! Foi num piscar de olhos. Num segundo o menino estava na praia com a mãe, e no outro nem sinal dele! Só podia ser coisa desse povo que trafica órgãos. Mas Lusa ainda tinha esperanças! Nisso, Ítalo manifestou sua sincera solidariedade.

Emocionada, ela acendeu um cigarro diferente, que o visitante pensou ser fumo natural. Tudo ali era natural. Ele só se tocou do que realmente era quando a moça começou a fazer todo um discurso em prol do uso da maconha. E foi muito polido ao recusar dar uma tragada. Pensava ainda que maconheiros eram marginais e vagabundos, e não professores universitários. Chapada, Lusa começou a falar de sua vida pessoal, sobre o namorado com quem vivera por anos, e que a deixara semanas atrás. O quanto ainda sofria por ele. O quanto pensava nele. O quanto o desejava de volta. O quanto os dois foram feitos um pro outro. E então Ítalo aproveitou a primeira oportunidade para se mandar.

No outro dia, ela ligou pra se desculpar pelos excessos e o convidou pra fazer uma trilha de bicicleta no fim de semana. Ele tentou se esquivar, alegou (e era verdade) que não tinha uma bicicleta, mas ela disse que ele podia usar a do ex-namorado. Estava lá à toa, e Ítalo era um garoto tão legal, e ela queria manter o vínculo. Ítalo não sabia dizer não quando lhe destinavam atenção, fosse como fosse, e aceitou.

XII. Afeto Exclusivo

Ítalo adorava geografia. Era sua disciplina favorita na escola. Tinha ótimas notas e tudo. Mas já em biologia...! Bem, é que a professora sempre implicou com ele. Achava sim que ele era legal, mas também que se fazia de coitadinho. Ela tinha repulsa a coitadinhos. E não hesitou nem um pouco em reprová-lo por apenas um ponto. Um ponto!

Ítalo não sabia como dar a notícia ao pai. Já estava de severo castigo por ter quebrado o teclado do computador na semana anterior, num acesso de raiva (por solidão acumulada). Mas também aquela lata velha estava dando pau toda hora! Não tinha como fazer nada! Ítalo nunca tinha como fazer nada. Fazia o que estava ao seu alcance, tinha certeza de que fazia! Ia aos encontros, mantinha a palavra, se empenhava nas tarefas, se empenhava em ser amistoso, mas as outras pessoas não faziam a parte delas, e Ítalo não podia fazer nada!

E veio então uma de suas crises agudas de carência afetiva. Ligou pra um colega, pra outro, pra quem nem era colega. Sempre as incontestáveis justificativas pra não poderem encontrá-lo. Ligou pra quem podia, e pra quem não podia, e pra quem mal conhecia. Inventou números. Discou tudo o quanto pode. Ligou pra Germano, mas fim de ano, você sabe como é, todo mundo tem festas pra ir, e os salões estão sempre cheios, e ele estava apertadíssimo. O celular de Caio não atendia nem por

decreto do rei! Resolveu ir até lá pessoalmente, mas a mãe dele contou aos prantos que ele tinha se mudado, pra morar com o namorado, e que ninguém sabia o que fazer pra colocar juízo na cabeça daquele menino.

Ítalo voltou pra casa e estava mais sozinho do que nunca. Uma ilha de carência rodeada por ausências de todos lados. E sabia que só ia piorar. Todo mundo viajaria nas férias, só ele que não. Ficaria em casa, sendo a empregada doméstica do pai, e sem mais o que fazer. Sem ter com quem sair, com quem conversar. Aquela maldita lata velha do computador tinha de dar pau justo agora!

Quando perdia as estribeiras e reclamava publicamente que ninguém gostava dele, sempre lhe repreendiam e listavam todas as pessoas que achavam-no super legal. Legal o caralho! Só simpatia secundária! Ninguém entendia! Não era sobre isso que ele estava falando! Do que sempre falou. Foi sempre um pedido tácito de afeto. Afeto exclusivo, e não desses por atacado. De algum sentimento especial. De alguém que desmarcasse os outros compromissos pra passar algum tempo com ele. De alguém que desse o bolo em outra pessoa pra não dar o bolo nele. De alguém que entre todas as pessoas do mundo tivesse por ele um afeto particular. Que o chamasse de melhor amigo, ou namorado, ou filho, ou qualquer coisa que não se deixa em segundo plano por padrão. Queria ser prioridade pra alguém em algum sentido.

Continuou seu exercício de discagem, até que alguém atendeu. Lusa! Já era sexta-feira, e Ítalo podia usar como pretexto por ter ligado a trilha que eles tinham marcado para o dia seguinte. Carente como estava, ouviria de bom grado as lamentações amorosas da rejeitada professora. Mas ela atendeu o telefone e Ítalo ouviu o barulho de uma cachoeira. Lusa estava lá com o namorado. Haviam reatado. Ainda bem que Ítalo ligou, pois ela não sabia se teria tempo de ligar pra avisar que a trilha fora cancelada, por motivos óbvios,oras!

Ainda não era noite, o que tornou tudo menos difícil. Ítalo quebrou o cofrinho de Titanic que se dera de presente em algum aniversário que já não se lembrava mais. Contou as moedas. Colocou tudo no bolso, e na inseparável mochila surrada colocou esperanças e mais algumas poucas coisas que ainda lhe interessavam, e foi para uma lan-house reencontrar o seu velho amigo Google. Aliás, desde que se lembrava, este era seu único amigo que sempre esteve lá.

XIII. Ítalo

Caio ficou puto da vida quando soube que não ganhou o concurso de poesia do colégio. Como não? Era impossível! Explicou que não era arrogante, mas sabia que não havia ninguém no colégio que escrevesse melhor do que ele. Que grande injustiça! Não se conformava por perder essa oportunidade. O poema vencedor seria publicado na edição de fim de ano do jornal da escola.

Caio quis saber então quem é que tinha ganhado, quem tinha escrito um poema melhor do que o dele, e quando o nome Ítalo foi pronunciado, aí invocou de vez! Sentiu como se fosse uma facada pelas costas. Aquele traidor nunca tinha comentado nada sobre também escrever poesia. Nem que concorreria ao concurso. Ele não podia ter feito isso comigo! Será que ele não roubou um poema meu, um dos que mandei pra ele?, pensou Caio. Não, não, o Ítalo não faria isso. O que ele ganharia com isso? Não. O Ítalo era um cara legal. Certamente teria uma boa explicação pra tudo isso. Caio se conformou um pouco quando pensou no sorriso do amigo.

Era sábado. O resultado oficial só seria divulgado na segunda, mas Caio tinha contatos influentes. E já quase sem ressentimentos quis dividir a notícia quentinha com o vencedor. Foi até a casa dele, mas não tinha ninguém. Lembrou-se de que Ítalo tinha comentado algo sobre uma trilha de bicicleta naquele sábado.

Voltou à noite. O pai dele já tinha chegado do trabalho, mas nem sinal do filho! Natalino só tinha dado falta porque o jantar não estava pronto. Mas já tinha comprado um marmitex, depois acertava as contas com Ítalo. O filho estava muito saído pro seu gosto. Nem avisara que não ia dormir em casa de sexta pra sábado. Mas Natalino achava que Ítalo tinha passado a noite com Caio... então, nem se preocupou. Ouvindo isso, Caio sim se preocupou. Foi até o quarto do amigo. Estava tudo lá, roupas, CDs, cadernos, cacos de vidro pelo chão.

Voltou no dia seguinte e o pai do amigo enfim parecia preocupado com o sumiço do filho. Resolveram que o melhor era ir à polícia. Já eram passados quase dois dias sem ninguém saber dele. Mas Natalino já adiantou que não pagaria pra fazer cartazes de desaparecido como no caso do menino Brasil. Ítalo já era bem grandinho pra se virar sozinho!

Passou-se mais um dia. E outro. De repente, já se tinha ido uma semana toda. O pai já havia mudado o discurso e indagava exaltado aos céus sobre o que teriam feito com o coitado do seu filho! Um menino tão bom! Já havia percorrido hospitais, delegacias, até o IML. Nada do garoto. A polícia colocou uns homens na cola da mãe dele, mas Terezinha também não sabia de nada, e até chorou.

Caio também chorou algumas noites. De saudades, de pensamentos ruins. Já tinha contatado todos os conhecidos do amigo, até mesmo aqueles de nomes pátrios, mas ninguém sabia de nada. Era incrível como ninguém nunca sabia de nada sobre Ítalo.

Acharam o corpo de um garoto no mar. Estava desfigurado, mas era mais moreno, mais baixo e mais gordo do que Ítalo. Mesmo assim, logo o boato virou verdade, e todos acreditaram que ele tinha se matado. O que foi corroborado na edição de fim de ano do jornal da escola, que publicou o seu poema, agora chamado de carta de suicídio.

Veneza

(Ítalo Gama)

*Nas fotografias que tiravam de mim,
Não era eu sorrindo, não era eu ali.
Quase nunca sou eu em lugar nenhum.
Não encontro lar, não encontro par.*

*Os corredores que sigo pensando ser esperança
Levam de modo vicioso a cômodos secundários
Dessas instituições sociais em que me mantém refém.*

*Um dia eu me cansaria disso tudo.
Estava escrito na minha testa,
Só que ninguém nunca me olhou pra reparar.*

*Agora, saio à francesa, nenhuma luz acesa...
Nem um pastor alemão acordaria ao som leve dos meus passos.
É isso o que faço, passo sem ser notado.*

*Deixo poucos laços.
Deixo um único abraço, meio desequilibrado,
Tropeço, caio, peço desculpas.
Ninguém teve culpa, mas eu não poderia ir mais a fundo.*

É que o mundo...

Ah, este mundinho sempre foi alheio demais à minha sorte!

Eu sei, eu preciso ser forte, e não quero a próxima rima.

Só que eu cansei do segundo plano.

Eu preciso fazer o meu mundo valer a pena.

Se não o fiz até agora, tenho ainda uma vida.

Fecho a porta e não olho pra trás.

Dou os primeiros passos rumo a uma existência maior.